

# **INICIAÇÃO À LITERATURA BRASILEIRA**

## Sínteses certeiras

por Ieda Lebensztayn

Escrito em 1987, *Iniciação à literatura brasileira* foi concebido por Antonio Candido como um resumo da produção literária do país, tendo como público-alvo leitores estrangeiros. Seria o capítulo de uma obra coletiva a respeito do Brasil, organizada pelo professor Ricardo Campa, a publicar-se na Itália quando do quinto centenário do descobrimento da América. Nesse contexto, o critério foi apresentar o movimento geral da nossa literatura até praticamente o decênio de 1950, em perspectiva histórica, evitando não só o excesso de nomes de autores e de obras, como também a indicação de contemporâneos, ainda não triados pela passagem do tempo.

Porém, como não se publicou o volume italiano, passados dez anos, em 1997, Antonio Candido resolveu tirar seu resumo da gaveta, a fim de lançá-lo internamente na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, na qual lecionou de 1942 a 1978, e até 1992 como orientador de pós-graduação.

Embora o autor não pretendesse torná-lo um livro regularmente editado, afinal reitera temas e questões de várias de suas obras, o propósito desse pequeno volume, explicitado na “Nota prévia” — de oferecer aos jovens da Universidade uma “*aide mémoire* que esclareça o desenho geral da literatura brasileira e sirva de complemento a textos mais substanciosos” —, garante a necessidade de sua publicação, demandando a vastidão de leitores.

O livro se compõe de três capítulos: “Manifestações literárias”, “A configuração do sistema literário” e “O sistema literário consolidado”. Tais títulos deixam ver a concepção de literatura formulada por Candido como um sistema erigido sobre o tripé autor, obra e público, incluindo a circulação e uma tradição literárias. A apresentação dessa concepção nesse volume certamente contribuirá para o leitor de hoje, como caminho para reencontrá-la em especial nos volumes do crítico *Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos*, de 1959, e *Literatura e sociedade*, de 1965.

A Introdução logo nos possibilita observar uma particularidade da nossa literatura: ela carrega a ambiguidade entre integrar o conjunto das literaturas ocidentais e trazer modificações conforme as condições do Novo Mundo. Daí o caráter relativo de se pensar no seu “começo”, diversamente das literaturas matrizes, a portuguesa, a francesa ou a italiana, que se constituíram paulatinamente, junto com as respectivas línguas. A colonização portuguesa implicou o transplante da língua e literatura para um meio físico diferente, povoado por outras

---

**“Antonio Candido entende [...] que a história da literatura brasileira decorre de uma imposição cultural que aos poucos gerou expressão literária autônoma, embora vinculada aos centros europeus.”**

raças e outros modelos culturais. Houve um processo brutal de imposição da cultura do conquistador, com a transposição das leis e dos costumes da metrópole.

Assim, Candido apreende um duplo movimento de formação da literatura brasileira: de um lado, a visão da nova realidade demandava temas diferentes dos presentes na literatura da metrópole; de outro, a necessidade de expressão dos sentimentos e dessa realidade local pedia a adaptação dos gêneros. Era preciso exprimir a singularidade do Novo Mundo, mas manter o contato inspirador com as matrizes do Ocidente. Desse modo, tanto as obras feitas pela transposição dos modelos ocidentais quanto as que se diferenciavam deles nos temas, no tom e nas formas expressam o processo constitutivo de uma literatura derivada, que, acompanhando a passagem de colônia até nação, com o tempo desenvolveu seu timbre próprio e sua personalidade.

Antonio Candido entende, pois, que a história da literatura brasileira decorre de uma imposição cultural que aos poucos gerou expressão literária autônoma, embora vinculada aos centros europeus. Por isso, identifica três etapas na literatura brasileira, dedicando a cada uma o respectivo capítulo desse livro. Ao conhecer essas etapas, o leitor de hoje poderá acompanhar fatos da história do Brasil, como a primeira mudança de capital do país e seus fatores econômicos, as lutas pela independência e pela abolição da escravatura, e a importância da literatura no processo de conquista de consciência e autonomia individual e social.

A era das *manifestações literárias* — que vai do século XVI ao meio do XVIII e tem como sede a Bahia, então capital do Brasil, diretamente ligada à metrópole — inclui escritos como poemas de fundo religioso, destinados à conversão dos povos originários, descrições do país e relatórios administrativos. Candido salienta a atuação de José de Anchieta (1534-97): resistindo a um processo de dominação linguística e homogeneização cultural, o patriarca da nossa literatura escreveu poemas e atos teatrais de cunho religioso, inclusive no idioma Tupi. O crítico

disserta a respeito dos cronistas, como Gabriel Soares de Sousa e seu *Tratado descritivo do Brasil* (1587), Frei Vicente do Salvador e a *História do Brasil* (1627), Simão de Vasconcelos e a *Vida do venerável Padre José de Anchieta* (1672). Ele realça a transfiguração da imagem do abacaxi, novidade americana, encimada por coroa. E merecem sua atenção evidentemente os sermões do padre Antônio Vieira e a poesia de Gregório de Matos, sendo o Barroco literário a linha de maior interesse dessa era das manifestações literárias.

Da era de *configuração do sistema literário*, do meio do século XVIII à segunda metade do XIX, Candido ressalta as tentativas de renovação arcádicas e neoclássicas e a grande fratura representada pelo romantismo. No decênio de 1760 a capital foi transferida para o Rio de Janeiro, e já se pode falar do esboço de uma literatura como fato cultural configurado: existem a consciência de grupo por parte de intelectuais, o reconhecimento de um passado literário local e o começo de maior receptividade por parte de públicos. No arcadismo, as aspirações de independência em relação à metrópole levaram alguns poetas à prisão, ao desterro. As *Cartas chilenas* (1789), de Tomás Antônio Gonzaga, expressam o inconformismo das elites coloniais contra a administração portuguesa.

Em 1808, com a vinda da família real portuguesa, houve progresso no Brasil, inclusive intelectual, com o surgimento de bibliotecas, associações científicas e literárias, tipografias, jornais, revistas, teatros. Posterior à Independência (1822), o romantismo privilegia uma dimensão localista e o desejo de expressar a singularidade do país e do eu. Candido destaca o aparecimento do romance no decênio de 1840 e o indianismo de poemas de Gonçalves Dias e de narrativas de José de Alencar, “fenômeno de adolescência nacionalista na literatura brasileira”. Aponta que Alencar foi o primeiro escritor a se impor à opinião pública e que, inspirado na *Comédia humana* de Balzac, buscou representar em romances os diversos aspectos do país, por meio de uma expressão brasileira. Nos anos 1870 e 1880 vieram as ideias abolicionistas,

**“Antonio Candido combina clareza de linguagem com vasto conhecimento, sobressaindo a simplicidade, resultado da ação do tempo a condensar sua sensibilidade e erudição.”**

---

sobressaindo os poemas de Castro Alves, romances de Bernardo Guimarães e ensaios de Joaquim Nabuco.

Enfim, na *era do sistema literário consolidado*, da segunda metade do século XIX aos nossos dias, estava amadurecido o sistema literário do Brasil, com um conjunto numeroso de escritores, veículos de difusão dos textos e uma tradição local. Sinal desse amadurecimento, observa Candido, é a obra de Machado de Assis (1839-1908). Combinando “raro discernimento literário” e “forte cultura intelectual”, o romancista, contista, poeta, dramaturgo, cronista e crítico impôs-se aos grupos dominantes, apesar de sua origem modesta, atingindo raro reconhecimento público. Candido também sublinha, nesse tempo, o desenvolvimento da crítica literária, com Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. E as várias tendências decorrentes da reação antirromântica, o naturalismo, o parnasianismo e o simbolismo, com destaque para nomes como Inglês de Sousa, Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac, Cruz e Sousa.

Numa síntese que dialoga com seu ensaio “De cortiço a cortiço”, de 1973, presente em *O discurso e a cidade* — exemplar do seu método de “redução estrutural”, análise da interiorização estética da realidade do mundo e do ser, caminho fértil para a crítica dialética —, Antonio Candido vê o cortiço do romance de Aluísio Azevedo como o próprio Brasil, “regido pela exploração econômica do estrangeiro e a sujeição do povo humilde”, então composto em grande parte de negros, mestiços e imigrantes pobres.

O crítico comenta a importante atuação de escritores como Euclides da Cunha, Lima Barreto, Augusto dos Anjos e Monteiro Lobato. E salienta a ruptura representada pelo modernismo de 1922, que abriu a fase por ele considerada a mais fecunda da literatura brasileira, com Mário de Andrade e Oswald de Andrade. Como em “Literatura e cultura de 1900 a 1945”, de 1950, ensaio de história literária igualmente voltado a estrangeiros (incluído em seu volume *Literatura e sociedade*), Candido assinala que o modernismo, garantindo a liberdade de criação e de experimentação, iniciou um período de renovação contra a “literatura de permanência”. Na sequência, os anos de 1930 e 1940 foram de modernização geral, nas ciências, no ensino, na edição, na literatura. Ressalta o chamado “romance nordestino”, de Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado: com consciência crítica, tratou o homem pobre do campo e da cidade como sujeito. E vários outros escritores modernos, como Dyonelino Machado, Murilo Rubião, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, são evocados por meio de comentários precisos.

Assim, em *Iniciação à literatura brasileira*, Antonio Candido combina clareza de linguagem com vasto conhecimento, sobressaindo a simplicidade, resultado da ação do tempo a condensar sua sensibilidade e erudição. Por meio desse estilo cativante, ele constitui, nesse livro, uma perspectiva atenta, a um tempo, à dimensão estética e à significação histórica dos vários momentos da formação e da consolidação da literatura no país, tendo sempre no horizonte a configuração de uma comunicabilidade artística transformadora da realidade. Deixando ver o papel do crítico, distingue sempre os jogos de força entre dominantes e subordinados e a busca de autonomia e voz para os que resistem aos exploradores.

O leitor tem a rara oportunidade, nesse volume, de deparar com sínteses agudas a respeito do estilo, da perspectiva e da representatividade dos diversos escritores de cada época da historiografia da literatura brasileira. Candido nos apresenta, em poucas linhas, mas com

a devida complexidade, a poética desses autores, convidando-nos a conhecê-los melhor. A muitos deles o crítico dedicou ensaios, que constam em obras como *Vários escritos* e *A educação pela noite*, porém é preciso destacar as sínteses certeiras aqui presentes, em especial sobre Machado de Assis, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Leiam-se, pois, algumas palavras de Antonio Candido em *Iniciação à literatura brasileira* acerca de Machado de Assis. Ele identifica na obra machadiana um “elemento fugidio” que causa perplexidade e atração; uma aparência de ceticismo, como também, no subentendido das cenas, “o interesse lúcido pela realidade social e o sentimento das suas contradições”; a capacidade de despistar o leitor por meio de uma “frieza irônica que pode significar despreço pelo homem, mas pode ser também um método de afastamento, recobrando a compreensão piedosa”. “Por causa dessa capacidade de fundir frieza e paixão, serenidade e revolta, elegância e violência, a sua escrita [de Machado] é um prodígio de elaboração, que, tendo-se despojado dos acessórios, é sempre moderna, apesar de raros traços de preciosismo.”



**Ieda Lebensztayn** é crítica literária, pesquisadora e ensaísta. Escreveu *Graciliano Ramos e a Novidade: o astrônomo do inferno e os meninos impossíveis* (Hedra, 2010). Co-organizou *Cangaços* (Record, 2014), *Conversas* (Record, 2014), *O antimodernista: Graciliano Ramos e 1922* (Record, 2022), os dois volumes de *Escritor por escritor: Machado de Assis segundo seus pares* (Imesp, 2019) e *Primeiras edições de Machado de Assis na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin* (Publicações BBM, 2022).